

VÍDEOS CONTRA A HOMOFOBIA E O USO DO *YOUTUBE* EM SALA DE AULA

Brenda da Silva Ferreira; Isabela Pereira Vique; Karina Marino; Maíra Mello Silva.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

E-mail: brendas.ferreira@hotmail.com; pviqe.isabela@gmail.com; karinamarinho.prof@gmail.com; mmello05@gmail.com.

Resumo: Este texto é recorte de uma pesquisa que buscou analisar questões sobre homofobia nas discussões em sala de aula, bem como o uso do audiovisual para alargar o discurso contra a homofobia. Analisamos por meio do mapeamento das produções de vídeos utilizados como avaliação que as questões sobre gênero e sexualidades estão inseridas nos cotidianos nas escolas, não obstante o conservadorismo que, infelizmente, ainda assola o país e visa impedir tal discussão.

Palavras-chave: Audiovisuais, Homofobia, YouTube.

INTRODUÇÃO

Este artigo é o resultado de uma pesquisa sobre os audiovisuais realizados por alunos de diferentes níveis escolares e postados no site de compartilhamento de vídeos *YouTube*, com a temática homofobia, e tem como objetivo demonstrar que as discussões sobre as questões de gênero e sexualidade fazem-se presentes, de alguma forma, e acontece nos mais variados cotidianos escolares da educação básica de todo o país, independentemente das políticas de Estado, das diretrizes curriculares, dos planos municipais e estaduais de educação, projetos pedagógicos e dos currículos elaborados nas unidades de ensino.

Assim, defendemos que o material que vem sendo produzido e compartilhado por meios digitais, sendo este trabalho focado no conteúdo elaborado pelos estudantes de diferentes níveis de ensino e classes sociais, merece e necessita ser discutido, tendo em vista a relevância do assunto abordado.

Um pequeno entendimento sobre a homofobia

Apesar da insuficiência semântica do termo homofobia, bem como dos questionamentos por parte de alguns teóricos e militantes por não representar o pluralismo sexual dos diversos grupos afetados por atitudes e sentimentos negativos, manteremos o termo neste trabalho, visto que o mesmo conta hoje com uma inserção considerável no senso comum, o

que lhe garante um potencial papel junto às políticas públicas e nos discursos institucionais, de forma ampliada, aplicando-se ao desprezo e ao ódio em relação a todos os modos considerados desviantes de se experimentar social e sexualmente. Dinis corrobora o entendimento de o termo homofobia ser limitado linguisticamente:

A generalização do termo homofobia, um termo masculinizante que passou também a se referir as outras formas de discriminação contra a diversidade sexual de mulheres lésbicas, mulheres e homens bissexuais, travestis e transexuais, é interessante, pois nos revela mais uma das limitações de nossa linguagem e dos preconceitos implícitos nela. (...) a linguagem é também um fator de exclusão e de expressão de preconceitos, principalmente nas línguas latinas, nas quais a conformidade com as regras tradicionais e pretensamente neutras da linguagem nos obriga a utilizar termos masculinos como signos genéricos referentes a mulheres e homens. (DINIS, 2011, p. 40)

Assim, desde que foi cunhado em 1972 (JUNQUEIRA, 2007), o termo homofobia teve diversas ressignações e diferentes questionamentos e, apesar do termo ter o seu conceito diretamente ligado a aversão e ao preconceito às homossexualidades, ele também abrange não somente a esfera individual e psicológica, mas também a esfera social, política, produzindo exclusão, marginalização, violência física e chegando até mesmo a produzir mortes e suicídios devido às agressões psicológicas às pessoas que se enquadram nesta categoria.

A homofobia seria então um dispositivo coercitivo fundamental para a manutenção da norma hoje hegemônica, baseada na heteronormatividade, na heterossexualidade compulsória e no próprio binarismo de gênero.

Parece-me mais adequado entender a homofobia como um fenômeno social relacionado a preconceitos, discriminação e violência voltados contra quaisquer sujeitos, expressões e estilos de vida que indiquem transgressão ou dissintonia em relação às normas de gênero, à matriz heterossexual, à heteronormatividade. E mais: seus dispositivos atuam capilarmente em processos heteronormalizadores de vigilância, controle, classificação, correção, ajustamento e marginalização com os quais todos/as somos permanentemente levados/as a nos confrontar (JUNQUEIRA, 2011, p.77).

Cabe salientar que o sentimento de hostilidade, medo e repulsa, que chamaremos apenas de homofobia, não reside somente nos

indivíduos, não é apenas um sentimento individual, mas um produto de modos de percepção, significados e atitudes que se engendram de forma ambígua e paradoxal na cultura e nas grandes instituições, entre elas: as mídias, as ciências e as escolas. Para Junqueira:

É oportuno observar que o termo homofobia tem sido comumente empregado em referência a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a “homossexuais”. No entanto, entendê-lo assim implica pensar o seu enfrentamento por meio de medidas voltadas, sobretudo – ou apenas – a minimizar os efeitos de sentimentos e atitudes de indivíduos ou de grupos homofóbicos em relação a uma suposta minoria. (JUNQUEIRA, 2011, p. 77)

A homofobia, além de ser um preconceito enraizado no nosso país, é constantemente fabricado e estruturado no cerne de um sistema de saberes-fazer-poderes que opera a constituição da ordem sexual a partir da qual são organizadas as relações sociais, políticas, econômicas e culturais entre as pessoas, isto é, uma ordem baseada na categoria “sexo” e numa suposta diferença sexual que resulta de uma operação de classificação dicotômica dos corpos. Nas palavras de Borrillo:

Essa ordem sexual, ou seja, o sexismo, implica tanto a subordinação do feminino ao masculino quanto a hierarquização das sexualidades, fundamento da homofobia; por conseguinte, a evocação constante da superioridade biológica e moral dos comportamentos heterossexuais faz parte de uma estratégia política da construção da normalidade sexual. A heterossexualidade aparece, assim, como o padrão para avaliar todas as outras sexualidades. Essa qualidade normativa – e o ideal que ela encarna – é constitutiva de uma forma específica de dominação, chamada *heterossexismo*, que se define como a crença na existência de uma hierarquia das sexualidades, em que a heterossexualidade ocupa a posição superior. Todas as outras formas de sexualidade são consideradas, na melhor das hipóteses, incompletas, acidentais e perversas; e, na pior, patológicas, criminosas, imorais e destruidoras da civilização (BORRILLO, 2010, p.30).

A homofobia, ainda segundo Borrillo, articula-se em torno de emoções, de condutas e de um dispositivo ideológico e “está tão arraigada na educação que, para superá-la impõe-se um verdadeiro exercício de desconstrução de nossas categorias cognitivas.” (BORRILLO, 2010, p. 87).

Devemos, então, ter em mente que se tratarmos as violências por orientação sexual como atitudes personalistas de desrespeito e intransigência, corremos o risco de inviabilizar – e assim ajudar a naturalizar – toda a rede de relações de poder que constroem as relações de gênero e a sexualidade como as vivenciamos hoje na nossa sociedade. Senão vejamos:

É oportuno observar que o termo homofobia tem sido comumente empregado em referência a um conjunto de emoções negativas (aversão, desprezo, ódio, desconfiança, desconforto ou medo) em relação a “homossexuais”. No entanto, entendê-lo assim implica pensar o seu enfrentamento por meio de medidas voltadas, sobretudo – ou apenas – a minimizar os efeitos de sentimentos e atitudes de indivíduos ou de grupos homofóbicos em relação a uma suposta minoria. (JUNQUEIRA, 2011, p. 77)

Isto exposto, para que haja o combate à homofobia e aos diversos tipos de exclusão e violência que estão intrinsecamente ligados a ela, é indispensável abordar o tema, problematizar o que já está naturalizado e desconstruir os discursos e as práticas cotidianas que produzem a diferença, que idealizam a heterossexualidade como forma exclusiva e única de aceitação a relacionamentos, afeto, prazer e desejo, tendo-a assim como o padrão de normalidade.

Dados coletados durante a pesquisa

O critério para assistir aos vídeos foi o login pela conta pessoal de uma das autoras no site *YouTube* e a busca pelas palavras-chaves TRABALHO HOMOFOBIA. Após, seguimos a ordem que o próprio site nos apresentava e consideramos tão somente os vídeos escolares e de faculdades que falavam, de fato, sobre o tema. Tal levantamento fora realizado no período compreendido entre junho a dezembro de 2015.

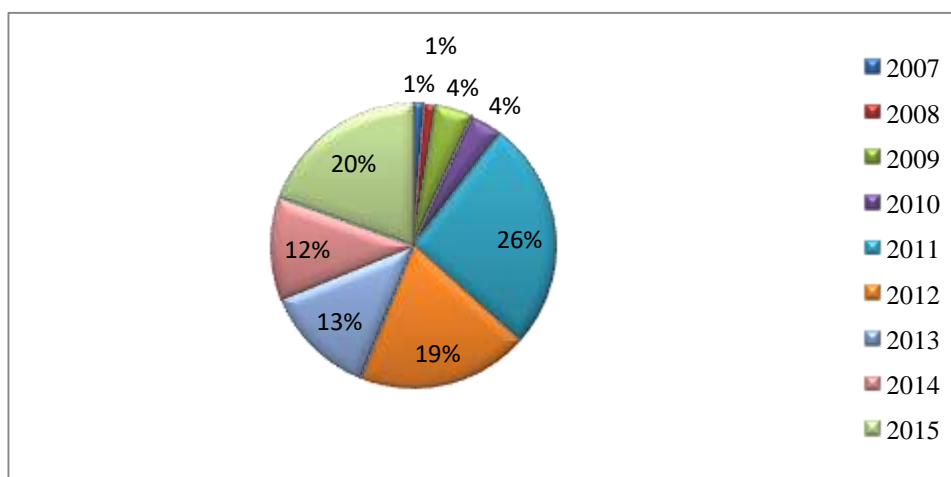
Para produzir as análises, foi realizado o download da grande maioria dos vídeos - isto porque, alguns vídeos já haviam sido retirados da plataforma no momento em que retornamos para baixá-los. Em seguida, os vídeos baixados foram arquivados em pastas individuais, acompanhados de uma ficha com todas as informações possíveis de serem reunidas, tais como: data de publicação, data de acesso, número de visualizações, comentários, autores, escola, região, matéria, série, formato do vídeo e tempo de duração.

Cabe destacar que, em sua maioria, os vídeos produzidos não dispõem de quaisquer informações ou quando as possuem, são de modo escasso.

Dos vídeos que dispunham de informações, registra-se a diversidade dos níveis de ensino, que compreendiam do Ensino Fundamental II às Universidades e seus variados cursos (Direito, Psicologia, Comunicação Social, Serviço Social e Pedagogia), de várias regiões do país. Dentre as cidades pude identificar trabalhos produzidos em São Caetano do Sul (SP), Rio de Janeiro (RJ), São Paulo (SP), Linhares (ES), Groaíras (CE), Cajuru (SP), São José (SC), Bauru (SP), Caieiras (SP), Vitória (ES), Nova Odessa (SP), Pinhais (PR), Santa Cruz das Palmeiras (SP), Rio Branco (AC), Londrina (PR), João Pessoa (PB), Recife (PE), Guaíba (RS), Fortaleza (CE) e Sorocaba (SP), entre outras localidades.

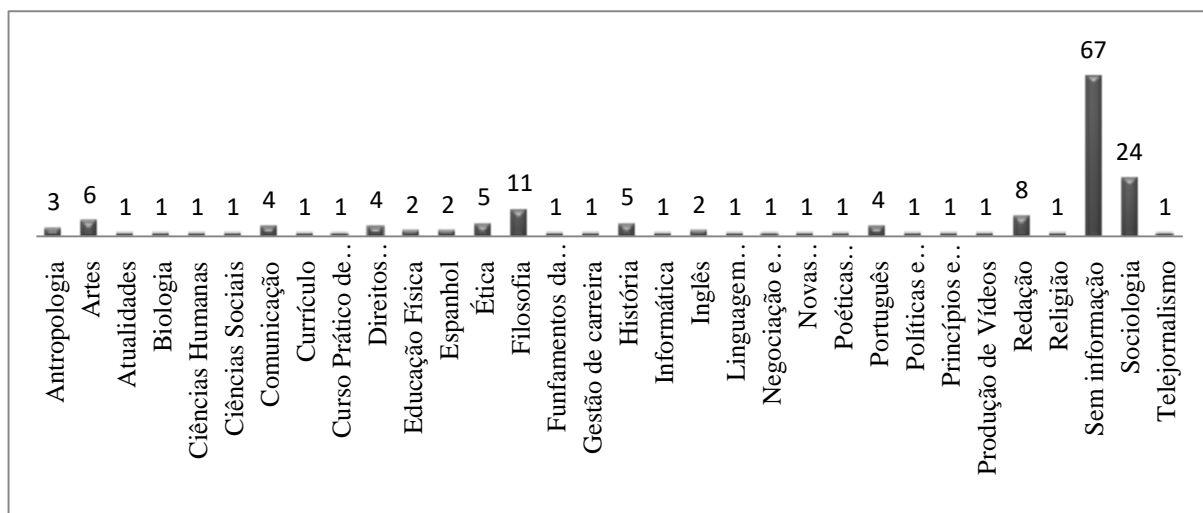
Em relação às disciplinas, havia as matérias de Sociologia, Filosofia, Redação, História, Arte, Português, Inglês, Espanhol e Biologia, sendo as cinco primeiras matérias responsáveis pela maior concentração de material produzido.

No que diz respeito à data de compartilhamento do material, os anos das postagens variavam entre 2007 e 2015, sendo observada a maior concentração nos anos de 2011 e 2012. Foram encontrados e analisados cerca de 160 vídeos, de um total de aproximadamente de 11.000 vídeos.

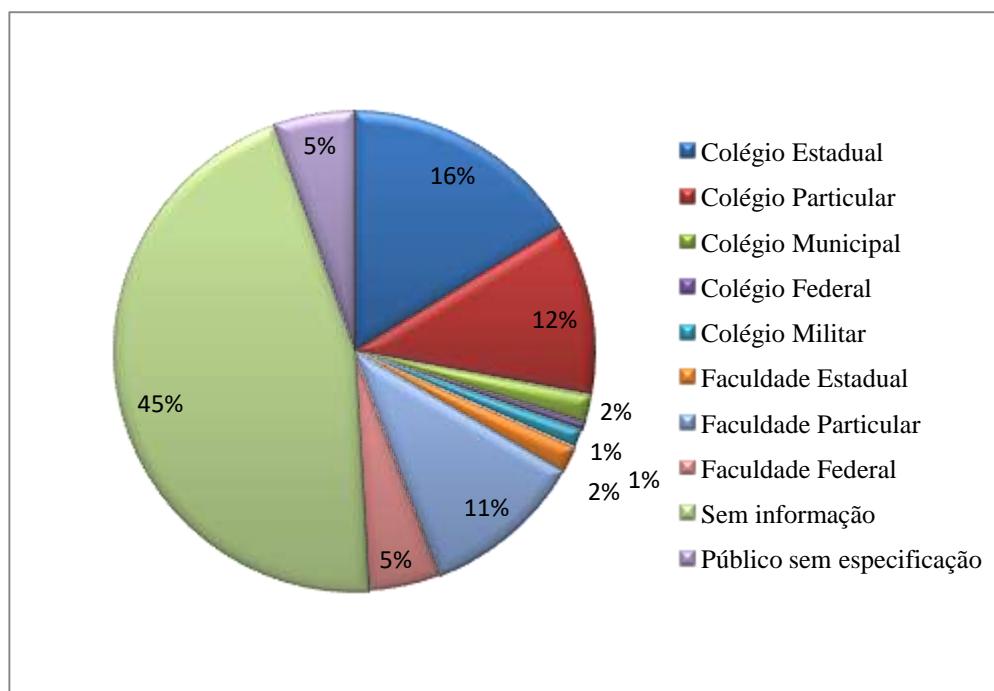


No ano de publicação, podemos perceber o aumento nas produções de vídeos nos anos de 2011 e 2012.

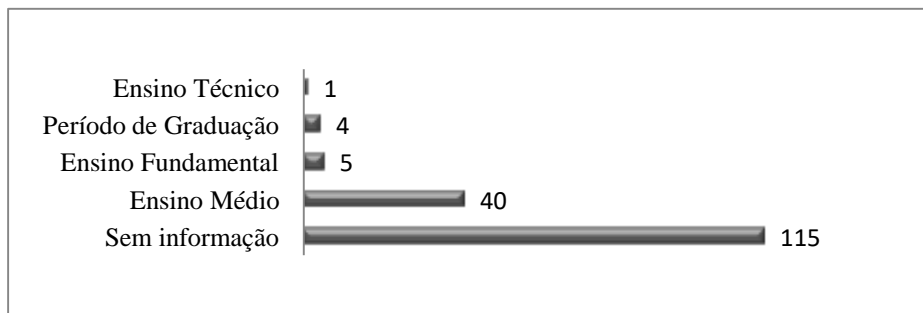
Já nas disciplinas, as mais variadas matérias, como Educação Física, Artes e Inglês. As mais comuns foram Filosofia, Sociologia, História e Redação. A matéria mais incomum foi Religião, sendo encontrado somente um trabalho.



Em relação às instituições de ensino, a sua grande maioria está nos colégios municipais:

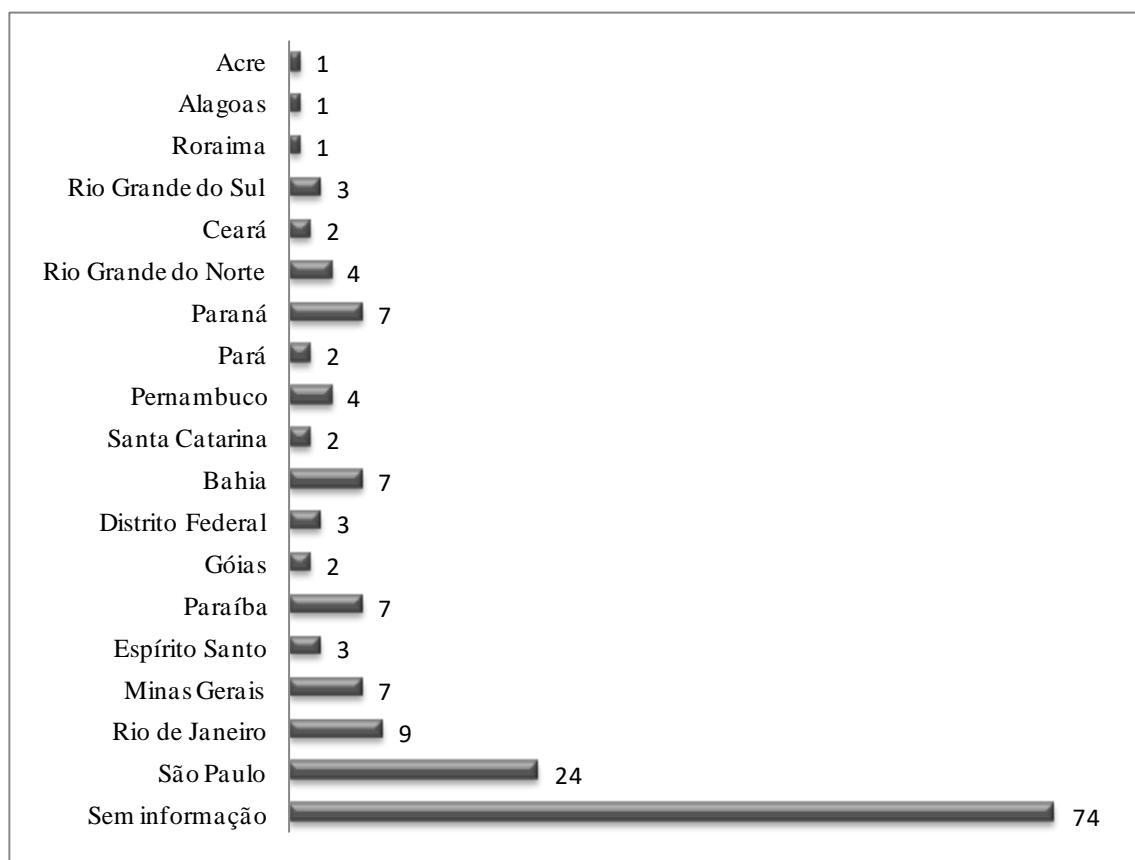


Observa-se que os vídeos foram produzidos por variados níveis de ensino.



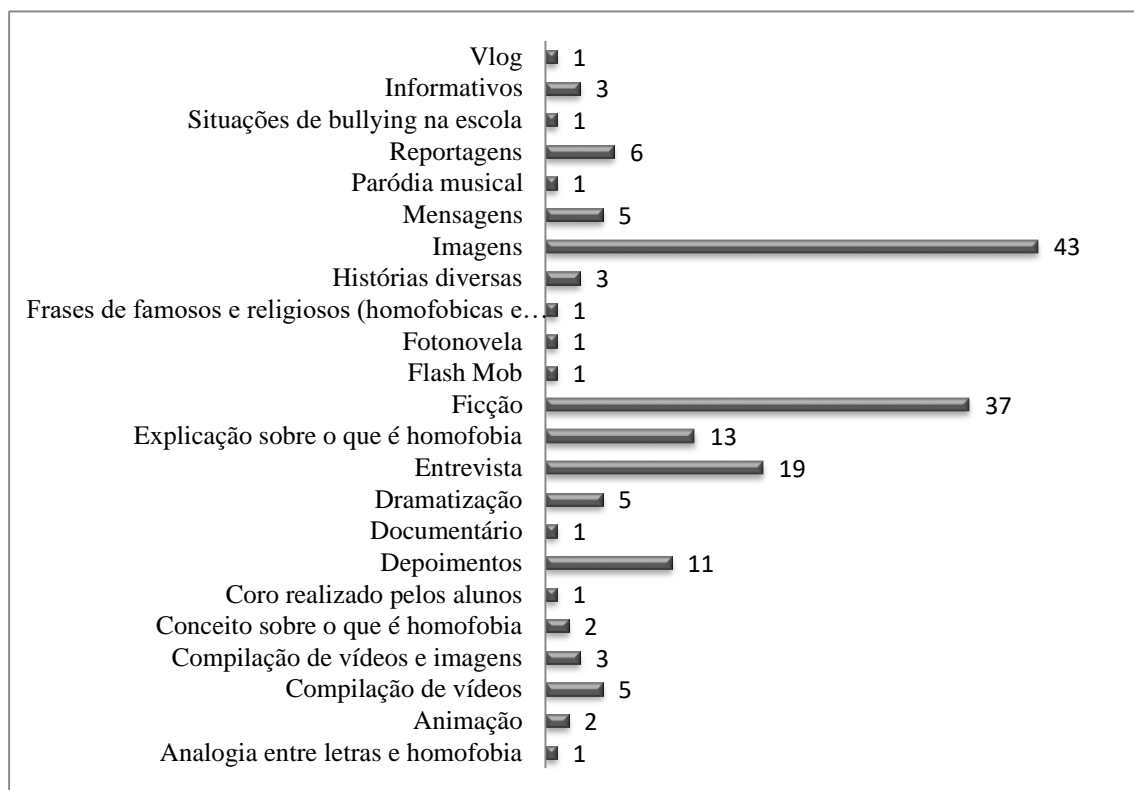
Infelizmente, a maioria dos vídeos não possui a série para que seja catalogada, mas, como podemos observar, o Ensino Médio é responsável pela maior produção de material, havendo uma grande variação do 1º ao 3º ano. Já no Ensino Fundamental, foram encontrados vídeos do 7º ao 9º ano; e na graduação, variam do 1º ao 3º período.

Os vídeos são das mais variadas cidades. Entretanto, para fins de catalogação citaremos apenas os estados e o Distrito Federal:



Observa-se que, levando em consideração somente as informações existentes, o estado de São Paulo é o maior produtor de vídeos sobre o tema.

Diversos tipos de vídeos foram encontrados, sendo, no entanto, os vídeos produzidos com imagens retiradas da *internet* e música de fundo os mais comuns.



Breve análise sobre os vídeos

O site de compartilhamentos de vídeos *YouTube* é uma local onde os usuários podem assistir e compartilhar os mais variados tipos de vídeos. Lançado em 2005, o propósito era criar algo próximo à televisão, mas que cada usuário seria responsável pela criação do seu próprio canal.

A ideia bilionária¹ vem sendo empregada também como ferramenta de estudos, seja por meio das postagens de professores, que apresentam conteúdo que cada usuário pode assistir quantas vezes quiser e de onde estiver, bem como por meio das mais variadas formas de avaliação realizadas pelos professores. Observa-se que, além de facilitar a comunicação, o *YouTube* possibilita a propagação, em grande escala do material compartilhado.

¹ O site foi comprado pela empresa Google, em 2006, por US\$ 1,6 bilhão.

Apesar dos vídeos não representarem as opiniões de toda a sociedade, eles nos permitem pensar sobre a necessidade de discussão sobre gênero e sexualidade nas escolas.

Muitos vídeos são composições entre textos, imagens disponíveis na internet e músicas pops contemporâneos, ao fundo, de artistas como Adele, Cold Play, Lady Gaga e KatyParry, mas também músicas que se tornaram, de certa forma, hinos LGBT, tais como “It’s Raining Men” e “Y.M.C.A”.

Entre as imagens, muitas trazem frases clichês como “Homofobia mata!”, “Homofobia é crime!” e “Homossexualismo (Homossexualidade nos vídeos mais recentes) não é doença”. Já outras trazem fotos da parada do Orgulho Gay, ou da bandeira e também de pessoas violentadas, espancadas, em leitos de hospitais, ora com textos recortados de jornais, ora só as imagens.

São poucas ou quase nenhuma produção que possuímos informações sobre o motivo - se foi pedido pelo professor ou escolha do aluno abordar tal tema -, quais questionamentos e debates o vídeo gerou, se gerou. Apesar disso, o importante é poder afirmar que a discussão sobre a homofobia está sim inserida nas escolas circula de alguma forma e é debatida, mesmo com a negação e repreensão de parcela dos políticos e sociedade.

Ao assistir aos vídeos, diversas problematizações ocorrem, visto que muitos destes protagonistas, atores, autores e entrevistados são menores de idade e não temos como saber se há uma autorização do uso de imagens ou, até mesmo, se haveria a necessidade dos responsáveis autorizarem. O que implicaria essas exposições?

Na contemporaneidade, as facilidades de produção, reprodução e compartilhamento, vem trazendo o aumento da cultura audiovisual. Esse aumento se deve, essencialmente, a dois fatores: a *internet* - e as mídias que ela traz - e aos dispositivos contemporâneos que produzem sons e imagens de qualidade e ainda são ferramentas para o compartilhamento e recebimento dos audiovisuais. As mudanças causadas por esses meios de comunicação, trazem novas formas de ver, compartilhar e interpretar o mundo, surgindo, assim, uma nova percepção das representações, reconhecimentos e engendramentos, nas formas de pensar, imaginar e experimentar o mundo e as redes de conhecimento.

Em meio ao exorbitante crescimento de narrativas das redes de significações, muitas vezes acabamos nos perdendo, nos confundindo e distraíndo com a variedade de produções e performances.

O audiovisual passa a ser uma ponte para entender as redes de significações culturais da contemporaneidade, fazendo pensar e narrar à

existência através do cinema, da televisão e da internet. A sociedade vive o dispositivo da visibilidade (BRUNO, 2010).

Trata-se do prazer e do poder de ver e ser visto, de mostrar e fazer ver, incitando e excitando a visão e o olhar, capturando, orientando e deslizando a atenção sobre a superfície de imagens. Se alguma verdade é buscada aí, ela se desloca do campo das causas recônditas para os efeitos visíveis. Os poderes, os saberes e os discursos que compõem o dispositivo da visibilidade engendram, sobretudo, efeitos de verdade e de realidade intimamente atrelados às imagens. As subjetividades, por sua vez, encontram-se cada vez mais exteriorizadas e investidas nos processos do ver e do ser visto, encontrando nas práticas de visibilidade meios de legitimação, reconhecimento e existência – as redes sociais, os *reality shows*, os *fotologs*, *weblogs* e *webcams* pessoais são ao mesmo tempo expressões e agentes desse processo (BRUNO, 2010, p. 258).

Assim, as novas tecnologias estão incorporando os discursos e narrativas das audiovisuais, descentralizando a cultura do saber empírico e criando novas formas de culturas.

Considerações finais

Ao concluirmos esta pesquisa, estivemos construindo e desconstruindo opiniões e pensamentos por diversas vezes, ao percebermos o quão importante é a discussão sobre a homofobia e a desconstrução das visões do conservadorismo que tentam inibir e distorcer informações de suma importância para a inclusão das mais variadas formas de identidade.

Assim, levando-se em consideração a quantidade de materiais audiovisuais produzidos que foram mapeados e analisados, em seus diferentes níveis de ensino e suas regiões, observamos que com a produção destes materiais, a discussão acerca do tema que ainda é considerado tão polêmico e sofre tamanha resistência, invade e se faz presente nas estruturas educacionais e não pode e nem deve ser impedida.

Referências bibliográficas

BORRILLO, Daniel. Homofobia: História e crítica de um preconceito. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

BRUNO, Fernanda. “Circuitos de vigilância: controle, libido e estética”. In: LEAL, Bruno Souza; MENDONÇA, Carlos Camargos; GUIMARÃES, César. Entre o sensível e o comunicacional. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

DANTAS, Tiago. "Youtube"; *Brasil Escola*. Disponível em <<http://brasilecola.uol.com.br/informatica/youtube.htm>>. Acesso em 13 de fevereiro de 2017.

DINIS, Nilson Fernandes. *Homofobia e educação*: quando a omissão também é signo de violência. *Educar em Revista*, Curitiba, Brasil, n. 39, p. 39-50, jan./abr. 2011.

JUNQUEIRA, R. D. Homofobia: limites e possibilidades de um conceito em meio a disputas. *Bagoas*, Natal, v. 1, n. 1, jul./dez. 2007.

_____. Escola, homofobia e heteronormatividade. *Coletiva*, nº 18 | jan/fev/mar/abr 2016 ISSN 2179-1287. Disponível em: <<http://www.coletiva.org/index.php/artigo/escola-homofobia-e-heteronormatividade/>>. Acesso em: 06 jun. 2018.